

OUSADIA FEMININA E ORDEM BURGUESA¹

¹ Uma primeira versão deste artigo - sob o título "Two Lady Spectators in the 18th Century Press" - foi apresentada no Seminário sobre Women and Literature no St. John's College, University of Cambridge, em 1989. Agradeço ao British Council e à Fapesp, que financiaram parte desta pesquisa.

² DIDEROT, Denis, D'ALEMBERT, Jean Le Rond (eds.). *L'Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Brasseur et al., Prospectus, 17 vols., 1751-1765.

³ ALBISTUR, M., ARMOGATHE, D.. *Histoire du Féminisme Français - du Moyen Age à nos jours*. Paris: Ed. des Femmes, 1977, t. 1, p.265. Sobre as diferentes visões de mulher apresentadas na *Encyclopédie*, ver MALUEG, Sara E. P., Women and the *Encyclopédie*. In: SPENCER, Samia I. (ed.), *French Women and the Age of Enlightenment*. Bloomington: Indiana University Press, 1984, p. 259-271. Autores da época também fazem significativos comentários

É Idéia mais ou menos corrente que, no que diz respeito à emancipação feminina, o assim chamado Século da Razão, da Ilustração, não se revelou muito progressista. A *Encyclopédie*, obra que se pretende porta-voz de uma nova era pautada pela razão e que se propõe uma tarefa eminentemente educativa de "mudar o modo comum de pensar", não se empenha em questionar abertamente o modo de pensar tradicional no que diz respeito à inferioridade das mulheres². Os autores dos diferentes verbetes que tratam deste tema parecem, em geral, estar mais empenhados em reafirmar visões tradicionais sobre a propalada inferioridade feminina, do que em minar definitivamente o secular preconceito contra a mulher. Como já se afirmou, definitivamente não é no tratamento desta questão "que se deve procurar o espírito revolucionário da *Encyclopédie*"³. Assim, por exemplo, apesar de Diderot pretender - como ele esclarece no verbete *Encyclopédie* - que essa obra promovesse uma verdadeira "revolução no espírito dos homens", ao "sacudir o jugo da autoridade e do exemplo para se ater às leis da razão", lê-se no verbete Femme-Mariée que, para decidir qual é a posição da mulher no casamento, é necessário recorrer à "fonte mais pura que é a própria Escritura" e que, inquestionavelmente, deve ela obedecer ao marido a quem pertence por decreto divino. A desigualdade entre os sexos, afirma o verbete Femme-Morale, é um imperativo da natureza e a educação deve igualmente se pautar por ela. "A natureza colocou de um lado a força & a majestade, a coragem & a razão; de outro as graças & a beleza, a fineza & o sentimento... O que é charme ou virtude em um sexo, é defeito ou deformidade no outro. As diferenças da natureza devem se repetir na educação".

nesse sentido, testemunhando a existência de um verdadeiro debate sobre o papel da mulher. O *Journal Encyclopédique*, de outubro de 1756, por exemplo, comentando o verbete *Femme*, faz a seguinte crítica: "Como os verdadeiros *Philosophes* puderam aceitar este artigo num Dicionário que a Nação considera como o mais belo monumento que se possa erigir à glória dos conhecimentos humanos e à verdade e virtude?" "Não há povos tão inimigos um do outro como as mulheres e os *Philosophes*", diz um outro crítico da época. DE LA RUE, Joubert. *Letres d'un Sauvage Depaysé*. Amsterdã, c. 1780.

⁴ ROUSSEAU, J.J.. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Difel, 1979, livro V. Dentre a vasta bibliografia que reavalia o antifeminismo de Rousseau e procura explicar o surpreendente sucesso de seu pensamento entre mulheres eminentes da época, ver, por exemplo: MAY, Gita. Rousseau's "Antifeminism" Reconsidered. In: *French Women and the Age of Enlightenment*, op. cit. p. 309-317; THOMAS, Paul. Jean-Jacques Rousseau, Sexist?. *Feminist Studies* 17, nº. 2, Summer 1991; LANDES, Joan. *Women and the Public Spheres in the Age of the French Revolution*. Ithaca: Cornell University Press, 1988, especialmente cap. 3; SCHWARTZ, Joel. *The Sexual Politics of Jean-Jacques Rousseau*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

⁵ As inúmeras reedições e traduções feitas ao longo do século XVIII e parte do XIX, bem como as iniciativas análogas que inspirou em vários países, desde a Rússia,

O filósofo e educador Jean-Jacques Rousseau, figura mal vista pelas feministas desde Mary Wollstonecraft, não se apresenta, portanto, como um isolado retrógrado nessa questão, mas sim como o mais ilustre e explícito expoente do conservadorismo que permeia o discurso iluminista dos *philosophes*, um exemplo da persistência de focos de sombra no Século das Luzes. Como se sabe, este filósofo que levou às últimas conseqüências a crítica iluminista à civilização, por ser esta incapaz de gerar uma humanidade responsável e livre, tal como pretendia a nova era, exclui as mulheres dessa humanidade em busca de emancipação. Em sua obra-prima *Emílio* (1762), onde aponta o caminho para a autonomia, esta se restringe à metade da espécie humana - a masculina. Sendo o oposto do homem por natureza, cabe à mulher uma outra educação. "A mulher é feita especialmente para agradar ao homem" e "para obedecer também...", afirma Rousseau. Sendo assim, "toda educação das mulheres deve ser relativa ao homem"⁴.

Entre tantas passagens de grande eloquência do *Emílio* de Rousseau há uma, no livro V, que não parece ter recebido a devida atenção dos estudiosos. O jovem Emílio encontrara a sua Sofia, mas antes da união dos noivos se realizar, a educação de ambos devia ser completada, o noivo viajando pelo mundo, a noiva sendo "polida" no recolhimento do lar. No momento da despedida, Emílio dá início à sua função natural de marido-educador entregando à noiva uma obra para que com sua leitura ela se prepare para a futura função de esposa e mãe. Esse livro capaz de contribuir para que Sofia se tornasse a esposa doce e submissa tal como a natureza prescreve é o *Spectator* de Addison e Steele. Publicado em Londres de março de 1711 a dezembro de 1712, este diário britânico é conhecido fenômeno jornalístico do Século das Luzes, tendo sua fama e influência atravessado fronteiras nacionais, culturais, lingüísticas e temporais⁵.

O jornalismo do século XVIII, numa de suas vertentes principais, se apresenta como um instrumento do projeto iluminista de mudar o modo de pensar dos homens comuns. Aderindo ao otimismo da época quanto às possibilidades da educação, a imprensa educativa, da qual o *Spectator* é um dos expoentes e pioneiros, assumiu explicitamente a função de agente de cultura, de mobilizadora de opinião e propagadora de idéias, dentre as quais a importância da educação da mulher ocupa lugar de destaque. Tendo o *Spectator* se estabelecido como um modelo para a comunicação das idéias do Iluminismo, a partir dele se sucede toda uma corrente jornalística européia que procura marcar

de Catarina, a Grande, até os Estados Unidos, de Benjamin Franklin, atestam um êxito excepcional. Para uma análise dos objetivos e conteúdo do *Spectator*, ver SCHAEFFER, Maria Lúcia G. Pallares. *The Spectator, o Teatro das Luzes - Diálogo e Imprensa no século XVIII*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1986. A mais recente e completa edição do periódico de Addison e Steele é de BOND, D. F.. Oxford: Clarendon Press, 1965.

⁶ Sobre outras leituras possíveis do *Spectator* no que diz respeito à posição da mulher, ver capítulo 4, *Feminismo?*, da tese citada e, da mesma autora, *As mulheres pedem a palavra: The Spectator e a questão feminina no século XVIII inglês, Caderno de Pesquisas* nº. 67, Fundação Carlos Chagas, novembro de 1988, p. 41-46.

⁷ HAZARD, Paul. *La Crise de la Conscience Européenne 1680-1715*. Paris: Boivin & Cie., 1935, 2, p. 125-132.

⁸ SHEVELOW, Kathryn. *Women and Print Culture*. London: Routledge, 1989; VAN DIJK, Suzanne. *Traces de Femmes - Présence féminine dans le journalisme français du XVIII siècle*. Amsterdã & Maarssen: APA, Holland University Press, 1988; TODD, Janet. *Sensibility: An Introduction*. London: Methuen, 1986; ROGERS, Katharine. *The Troublesome Helpmate: A History of Misogyny in Literature*. Seattle: University of Washington Press, 1966.

⁹ ROUSSEAU, G. S., PORTER, Roy (eds.). *Sexual Underworlds of the*

claramente sua filiação ao periódico inglês, afirmando a pretensão de desempenhar uma mesma função educativa e seguir o mesmo modelo de atuação pautado pelos princípios de imparcialidade, de racionalidade e de devoção à causa pública.

Nosso objetivo nesse artigo é discutir o papel que as seguidoras femininas desse periódico podem ter desempenhado no século XVIII e verificar até que ponto o papel subordinado da mulher na sociedade que Rousseau leu e aprovou nas páginas do *Spectator* é confirmado, defendido ou em algum grau questionado e rebatido com ordenações alternativas pelas discípulas dos publicistas britânicos⁶.

Em 1935, Paul Hazard atribuiu a Addison e Steele, enquanto editores do *Spectator*, o papel de "padrinhos" do burguês que, no início do século XVIII, era um órfão cultural à espera de ensinamentos sobre como pensar e agir. Esses dois editores e seus inúmeros imitadores e seguidores teriam oferecido um modelo especialmente atrativo a esse "novo tipo humano" em formação. Tal veredito, por mais problemático que seja - dada a dificuldade de se avaliar os efeitos de obras literárias sobre a sociedade -, longe de ser excepcional, simplesmente apresenta, de modo pitoresco, um julgamento que tem sido amplamente formulado e aceito, desde o século XVIII, tanto pelos apreciadores quanto pelos críticos desses dois homens de letras britânicos⁷.

Mais recentemente, um novo veredito sobre o *Spectator* diz respeito ao papel central que ele e seus discípulos teriam desempenhado na formulação e disseminação da ideologia da feminilidade, que se caracteriza por apresentar a domesticidade como sendo a função natural da mulher e por exaltar esse seu papel na esfera privada. Local privilegiado para a formação de ideologias, a imprensa teria nos periódicos "espectatoriais" um exemplo flagrante do seu poder, já que estes teriam desempenhado um papel chave no "culto da domesticidade" que estava sendo articulado e propagado desde o Século das Luzes⁸. Como se afirmou recentemente, "é importante enfatizar o quanto tais estereótipos de mulher como meramente privada (em contraste com o papel público do homem) e como um produto da natureza (distinto do papel do homem na cultura) não eram excrescências do *ancien régime*, contra o que os paladinos do Iluminismo se comprometiam a guerrear, mas eram em grande grau uma criação do próprio Iluminismo e de seus simpatizantes a partir de Addison e Steele"⁹.

Uma última avaliação dos editores Addison e Steele chega mesmo a creditá-los com uma boa

Enlightenment. Manchester: Manchester University Press, 1987, p. 4.

¹⁰ HUNT, Margaret. *Wife Beating, Domesticity and Women's Independence in Eighteenth-Century London*. *Gender & History*, 4 (Spring 1992), n.º. 1, p. 10-33.

¹¹ Sobre a utilidade do conceito de "gênero" para os estudos sobre a mulher, ver, por exemplo: SCOTT, Joan W.. *Gender: An Useful Category of Historical Analysis*. *American Historical Review* v. 91:5, Dezembro 1986, p. 1053-1075; BURKE, Peter. *Central Concepts*. In: *History & Social Theory*. Cambridge: Polity Press, 1992; SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, P. (ed.), *A Escrita da História - Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 63-95.

¹² *La Spectatrice* publicou 15 números no decorrer de 12 meses; *The Female Spectator*, 24 números em dois anos; e a mais eloquente, *La Pensadora Gaditana*, 52 números ao longo de dois anos. Diferentemente do *Spectator* de Addison e Steele, não há nenhuma edição moderna desses periódicos.

¹³ PREVOST, Abbé. *Le Pour et Contre* 2, n.º. 30 (1733), p. 338; *Mercur de France*, 14, Junho 1728, p. 1204-1208.

¹⁴ SULLEROT, Evelyne. *Histoire de la Presse Féminine en France, des origines à 1848*. Paris: A. Colin, 1966 (prefácio).

¹⁵ Traduções alemãs: Hanover (1745-48) e Berlím (1747); traduções francesas: Haia (1749-50), Dresden

parcela de culpa pela atual "cegueira coletiva" em relação à violência doméstica da classe média. Eles e seus seguidores, ao focalizarem em seus escritos a questão da insubordinação da esposa à legítima autoridade do marido, teriam ajudado a criar o "véu de silêncio" que acoberta a brutalidade do homem¹⁰.

É hoje mais ou menos incontestado entre os estudiosos a idéia de que a imprensa desempenhou um papel central na construção de gênero (conceituação do feminino e masculino como sendo social e culturalmente determinados), articulando e propagando desde o século XVIII a ideologia da mulher doméstica e poderosa na esfera privada, ao mesmo tempo que ratificava a visão do homem enquanto ser público¹¹. Levando-se em consideração a clara utilização do *Spectator* feita no *Emílio* para a educação de Sofia, pode-se até mesmo falar numa poderosa aliança de Rousseau com a imprensa à *la Spectator* em prol da naturalização da mulher doméstica.

Se está, pois, se tornando lugar comum ligar o gênero jornalístico *Spectator* como um todo à construção de gênero e atribuir-lhe o papel de "padrinho" da mulher doméstica que viria a ser posteriormente "crismada" por Rousseau, não tem sido dada a devida atenção à possibilidade de este tipo de jornalismo ter gerado periódicos resistentes aos próprios ideais femininos codificados pelo gênero literário que seguiam. É essa possibilidade que procuraremos testar ao estudarmos três seguidoras do *Spectator*: *La Spectatrice* (1728-29), *The Female Spectator* (1744-46) e *La Pensadora Gaditana* (1763-64)¹².

Em primeiro lugar, cumpre notar que apesar de serem hoje textos praticamente desconhecidos ou pouco valorizados, há boa evidência de terem usufruído de um relativo sucesso na sua época. Na França, *La Spectatrice*, aclamada como valiosa descendente do periódico britânico e como muito instrutiva e perspicaz, foi referida como um jornal "que todo mundo conhece" e diferenciada dos que só usufruíam de um "mediocre sucesso"¹³. Reeditada pelo menos uma vez em 1730, desapareceu no entanto da historiografia a tal ponto que uma historiadora da imprensa francesa duvidava da sua existência em 1966¹⁴. Na Grã-Bretanha, *The Female Spectator* atuou dois anos sob os auspícios de 356 subscritores, foi reeditada sete vezes e traduzida para o alemão, francês e italiano¹⁵. Na Espanha, *La Pensadora Gaditana*, editada em Madri e Cádiz na mesma época, e reeditada nesta última cidade em 1786, foi alvo da atenção de um inglês dez anos após sua publicação original, fato sem dúvida revelador de seu sucesso. Impressionado com o mérito dessa obra

(1750) e Paris (1751); tradução italiana: Veneza (1752). Diferentemente de suas duas "colegas", a *Female Spectator* tem sido objeto de estudo, as discussões enfatizando, em geral, seu interesse exclusivo pela educação da mulher. Ver, por exemplo: HODGES, James. *The Female Spectator: A Courtesy Publication*. In: BOND, Richmond (ed.), *Studies in the Early English Periodical*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1957; KOON, Helene. *Eliza Haywood and the Female Spectator*. *Huntington Library Quarterly*, 42, 1978, p. 43-55; MAHL, Mary, KOON, Helene. *The Female Spectator: English Women Writers before 1800*. Bloomington: Indiana University Press, 1977; MESSENGER, Ann. *His and Hers - Essays in Restoration & 18th-Century Literature*. Lexington: University Press of Kentucky, 1986.

¹⁶ TWISS, Richard. *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773*. Londres, (s. ed.), 1775, p. 447-448.

¹⁷ Até mesmo Virginia Woolf é radical no seu desprezo por Eliza Haywood. Resenhando o livro de WHICHER, G. F., *The Life and Romances of Mrs. Eliza Haywood*. New York: Columbia University Press, 1915, ela não esconde sua irritação para com uma editora que resolveu publicar um livro sobre "uma autora de nenhuma importância" ("A Scribbling Dame"), *The Times Literary Supplement*, 17 February, 1916.

¹⁸ VAN DIJK, Suzanne, op. cit., p. 292; RIMBAUT, Caroline. *La presse féminine de langue française au XVIIIème Siècle*. In: RETAT, P.

"no modelo do *Spectator*" e com a novidade dos temas nela abordados, o viajante britânico chega mesmo a sugerir sua tradução para o Inglês¹⁶.

Quanto à autoria, só a *Female Spectator* não apresenta problema de identificação, apesar de não ter sido abertamente anunciada no próprio texto original, como aliás era hábito nesse gênero de escrito. Sua criadora é a prolífica Eliza Haywood, escritora de mais de 60 romances, vítima da crítica mordaz de Pope e Swift, e figura literária tratada com descaso pela história da literatura que tende a ver sua obra como mero resultado de preocupações comerciais e populísticas¹⁷. *La Spectatrice*, tendo sido publicada anonimamente, mantém até hoje em segredo sua origem, apesar da suposição de ter sido a dramaturga M.A. Barbier sua autora¹⁸. *La Pensadora Gaditana* se assina Doña Beatriz Cienfuegos, mas foram até agora infrutíferas as tentativas de identificá-la. Testemunhos contemporâneos e críticos posteriores acreditam ser Doña Beatriz, na verdade, um pseudônimo que mantém em sigilo alguém importante da comunidade gaditana¹⁹. Como decorrência desse mistério, tanto antes como agora tem sido aventada a hipótese de serem esses dois periódicos obras de homens de letras disfarçados de mulher. No *La Spectatrice*, afirma uma crítica moderna, a feminilidade é "enfatizada em demasia para não ser fictícia"²⁰. Para um atual estudioso da imprensa espanhola, o estilo, o conteúdo e a austeridade de certos temas são fortes indícios de ser *La Pensadora Gaditana* obra de um religioso renomado de Cádiz, que por prudência se disfarçava de uma inidentificável Doña Beatriz Cienfuegos²¹. Uma prática usual do mundo das letras do século XVIII contribui para tal indeterminação e justifica nessa altura uma não muito breve digressão.

Tanto era usual escritoras esconderem sua identidade optando pelo anonimato ou pelo pseudônimo, muitas vezes masculino, como também era prática comum homens de letras se valerem de nomes de mulher. Escrever "sob a máscara da leveza feminina", como Daniel Roche assinava, era um modo de atrair tanto indulgência quanto público²². Despistar inimigos era também um bom motivo para a utilização de tal tática. "Os ietrados, para enganar o inimigo, não somente mudaram de nome, mas também de sexo", rememora mais tarde um literato²³. A crer em testemunhos da época, mulheres que ousavam se introduzir no mundo das letras sem esconder sua identidade eram comumente recusadas nessa esfera pela reivindicação da autoria de suas obras por homens. Acusada de usurpar escritos masculinos, a iniciante dramaturga M. A.

(ed.), *Le Journalisme d'Ancien Régime*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1981, p. 199-216.

¹⁹ GUINARD, Paul-J.. *La Presse Espagnole de 1737 à 1791 - formation et signification d'un genre*. Paris: Centre de Recherches Hispaniques, 1973, p. 193.

²⁰ VAN DIJK, Suzanne, op. cit., p. 292.

²¹ GUINARD, Paul-J., op. cit., p. 193-195.

²² ROCHE, Daniel. *La Culture des Apparences*. Paris: Fayard, 1989, p. 462. É partindo do reconhecimento dessa prática que Van Dijk conclui (no nosso entender indevidamente) que *La Spectatrice* era definitivamente obra de homem, arrolando-a na lista de "jornais publicados por homem sob pseudônimo feminino" (op. cit., p. 295). Sobre o anonimato e o uso de pseudônimos como estratégia usada pelas mulheres escritoras para "invadir" o mundo das letras, desafiando o controle masculino nessa esfera, ver SPENDER, Dale. *Women of Ideas and what Men have done to them*. London: Routledge & Kegan Paul, 1982, p. 21, 24, 64, 71, 130, 171-175, passim.

²³ ARNAULT, A. V.. *Mon Portefeuille - Critiques Philosophiques et Littéraires*. Paris, (s. ed.), 1826-27, v. 2, p. 116.

²⁴ BARBIER, Marie-Anne. *Les Tragédies et autres Poésies de Mademoiselle M. A. Barbier*. Leiden, (s. ed.), 1711, p. 111.

Barbier se revela, por exemplo, chocada com a sina das escritoras. Sua primeira peça, *Arrie et Pétus* (1702), foralhe negada sob a alegação de que "uma mulher não é capaz de ser tão bem sucedida". Acusada de usurpadora, ela se queixa: "Na verdade, eu nunca poderia imaginar que o que é louvável no meu trabalho teria que me injuriar, ou que o mérito de produzir boas coisas fosse negado ao nosso sexo"²⁴. Muito mais tarde, no mesmo século, o *Journal Encyclopédique* também se refere à tentação masculina de reivindicar para um escritor a autoria de um bom trabalho, especialmente quando não reconhecem no texto as características tidas como apropriadamente femininas. Fazendo referências elogiosas à obra de uma autora, que esconde sua real identidade mas não seu sexo, assinando-se Madame B..., o resenhista comenta: "Nós desejaríamos que este fosse o trabalho de um homem: no entanto, apesar de nosso sexo poder reivindicá-lo, de fato não nos pertence. Em vão será dito que nada das graças e doçuras das Sévigné, das Scudéry podem ser reconhecidas nele; (...) vendo-se tantos homens escreverem num estilo feminino", não nos deveria surpreender, conclui o jornal, "encontrar uma pena masculina e vigorosa, nas mãos de uma mulher."²⁵.

Diante dessas práticas, torna-se quase impossível ao estudioso decidir-se sobre a verdadeira autoria de muitas obras desse período; tanto não se pode excluir a hipótese de produções tidas como masculinas serem de fato femininas, como uma assinatura feminina pode ser tática masculina para atrair mais indulgência e maior público para sua obra. De qualquer modo, cumpre lembrar que nada haveria de estranho ou inviolável em se encontrar, no século XVIII, escritoras explorando as possibilidades do gênero *Spectator*. Este tipo de jornalismo, consagrado desde muito cedo por homens de letras de língua francesa, holandesa e alemã, oferecia inegáveis possibilidades que as mulheres autoras poderiam igualmente querer experimentar.

Na verdade, o jornalismo era nessa época um campo que tinha especiais atrativos para as mulheres com ambições literárias, pois, de certo modo, era um atalho relativamente mais transitável para se penetrar num domínio fundamentalmente masculino. "O status menor da imprensa", como lembra D. Roche, "favorecia esta promoção porque aí a rivalidade dos homens era menos intensa do que nos gêneros nobres"²⁶.

No caso de M. A. Barbier, por exemplo, quer seja ela ou não a responsável pela *La Spectatrice*, sabe-se que em 1714 já fizera uma primeira incursão na carreira jornalística com um periódico que pretendia instruir o

²⁶ *Journal Encyclopédique*, I, p. 1, 15 de agosto de 1758.

²⁶ ROCHE, Daniel, op. cit., p. 461-462.

²⁷ *Saisons Littéraires ou Mélanges de Poésie, d'Histoire et de Critique*, Paris, 1714.

²⁸ LANDES, Joan, op. cit., p. 39-50.

²⁹ Toril Moi em seu livro *Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory*, Londres: Routledge/ Methuen, 1991/1985, faz uma lúcida análise do pensamento crítico-feminista moderno, enaltecendo em especial os trabalhos de Mary Ellmann e Julia Kristeva por criticarem a manutenção da oposição binária de masculino e feminino, que implica o perigo de uma forma invertida de sexismo. Vide p. 1-41. Arlette Farge refere-se também ao perigo de a história da mulher que se atém à recuperação dos papéis femininos paradoxalmente reforçar o mito de uma natureza feminina imutável, mito que na verdade quer combater. É como se fosse "impossível escapar da mesma 'natureza feminina' contestada pelas próprias historiadoras". Vide *Women's History: An Overview*. In: MOI, T. (ed.), *French Feminist Thought - a Reader*, London: Blackwell, 1987.

público sobre a produção literária da época, o que pode ser visto como a tentativa de uma dramaturga bem sucedida e ambiciosa de ir além da esfera restrita do teatro, entrando no campo mais amplo e influente do jornalismo²⁷. Como foi sugerido pela historiadora Joan Landes, penetrar no campo jornalístico no século XVIII era ultrapassar "as funções espetacular e teatral das esferas públicas absolutistas" e entrar na esfera pública burguesa, onde uma audiência maior, dispersa e invisível podia ser atingida²⁸.

Apesar de não nos propormos aqui a decidir sobre o verdadeiro sexo dos autores dessas obras (o que, aliás, seria só mais uma suposição), antes de iniciarmos nosso estudo comparativo cumpre que alonguemos esta digressão fazendo algumas considerações que nos parecem pertinentes face à ênfase que a história da mulher tem comumente colocado na recuperação da produção feminina encoberta e esquecida. É inegável a necessidade de tornar visível o que a história ignorou por tanto tempo e trazer à tona figuras e vozes femininas desconhecidas. No entanto, tratar tais vozes separadamente das vozes masculinas sob o argumento, muitas vezes velado, de que há um especificamente feminino que difere essencialmente do masculino, pode se revelar uma prática limitadora e empobrecedora da história.

O "pensamento por analogia sexual" que permeia a cultura ocidental, como lembra uma crítica moderna, tem o efeito nocivo de criar e sustentar conceitos de masculino e feminino que não se referem a qualquer essência real no mundo e de gerar estereótipos que continuam a formar pensamentos que se propõem questionadores desses mesmos velhos conceitos²⁹.

No fundo dessa prática está a idéia de que há uma íntima e necessária relação entre a identidade sexual do autor e sua obra, e que só textos escritos por mulher podem se opor à opressão patriarcal. Confundir o sexo do autor com o "sexo" da sua produção literária é não só redutor e empobrecedor, já que as articulações e amplitude do texto podem ser negligenciadas em nome da busca das suas origens e de seu específico sexual, como é uma atitude que tem sérias dificuldades em lidar com textos masculinos que criticam abertamente a opressão da mulher. Igualmente infortáveis para tal visão essencialista do masculino-feminino são, sem dúvida, produções anônimas ou pseudonímicas que desafiam quaisquer tentativas de identificação. Em relação a isso, a noção da "morte do autor" propugnada por Barthes e Foucault pode ser útil quando se trata de deslocar a atenção da

³⁰ BARTHES, Roland. The death of the author. In: *Image Music Text*. New York: Hill and Wang, 1977, p. 142-148; FOUCAULT, Michel. What is an Author? In: BOUCHARD, Donald F. (ed.), *Language, Counter-Memory, Practice*. Ithaca: Cornell University Press, 1977, p.113-138. Sobre a relevância dessa posição teórica para os estudos femininos, ver a lúcida discussão de MOI, Toril em *Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory*, p. 14, 61-64, 108-110, passim. Sobre as implicações negativas que a idéia da "morte do autor" pode ter sobre as mulheres e sobre a teoria e prática feministas, ver: MILLER, Nancy K., *Changing the Subject: Authorship, Writing, and the Reader*. In: LAURETIS, Teresa de, *Feminist Studies/Critical Studies*. Bloomington: Indiana University Press, 1986; MODESKI, Tania, *Feminism and the Power of Interpretation: Some critical reading*. Ibidem. Basicamente a argumentação é que, dado o estágio dos estudos femininos e o atual processo de descoberta de mulheres esquecidas ou desprezadas, tal idéia fecha prematuramente a questão da identidade feminina.

³¹ BARTHES, Roland, op. cit., p. 143.

³² *The Spectator*, nº. 451.

³³ *La Spectatrice*, nº. 12.

³⁴ Para uma discussão mais detalhada da inovação introduzida no gênero *spectator* por *La Spectatrice*, ver: BURKE, Maria Lúcia G. Pallares. An androgynous observer in the 18th century press: *La Spectatrice* (1728-1729), a ser publicado na edição de

busca do "verdadeiro" autor para o estudo do tratamento de vários temas - não só femininos - em obras que se apresentam ostensivamente como sendo escritas por mulher, como é o caso de nossos três periódicos³⁰. Pelo menos, nesses casos, a idéia da "remoção do autor" pode ser produtiva, exatamente por se recusar a buscar a "explicação" da obra "no homem ou mulher que a produziu", como se as características da pessoa do autor revelassem de modo "transparente" o significado de sua criação³¹. Sendo o autor deslocado do foco central dos estudos, abre-se espaço para o estudo de um gênero literário que, por princípio, escondia a autoria e enfatizava a abordagem educacional que os próprios títulos alusivos em geral anunçavam. Pois, autodenominar-se Espectador - ou Pensador, Patriota, Monitor e Guardião como muitos dos periódicos da mesma tradição - quer no masculino ou feminino, em última instância implicava em se distanciar do comum dos mortais e se impor como observador e árbitro imparcial da vida social, apto a corrigi-la e aprimorá-la.

Na verdade, portanto, ao se inscreverem na tradição do *Spectator* e se aproximarem do público sob a máscara de uma pessoa anônima ou inidentificável, essas espectadoras estavam deliberadamente empregando um estratagema que em si mesmo problematizava o fictício e o real. O *Spectator* original havia já apontado as vantagens do anonimato no mundo da imprensa, lembrando aos leitores que poucos trabalhos de gênio ou para o bem público traziam o nome do autor. "De minha parte", *Mr. Spectator* declarara, "os números que eu apresento ao público são como presentes de fada, que durarão enquanto o autor estiver oculto"³². A invisível *Spectatrice* também se referira à irrelevância da autoria, acrescentando ser igualmente inútil o conhecimento do sexo do autor. "Mas qual é a importância de se saber o sexo do autor das idéias?", ela perguntara. Os pensamentos é que devem importar, e não seus autores³³.

O relevante nos parece ser, pois, o fato de termos nesses três periódicos personagens femininos ocupando um lugar proeminente em obras que se propõem a continuar o trabalho formativo dos *Spectators*, e onde é enfatizada a idéia de que a causa educacional à qual se dedicara a imprensa desde o *Spectator* teria muito a ganhar se houvesse "senhoras" educadoras na liderança. Quer escritos por mulheres ou não, o importante é a afirmação dessa especificidade feminina na autoria desses periódicos, algo já em si inovador da tradição "espectatorial"³⁴.

Num de seus últimos números, o *Spectator* aventara a hipótese de se abrir espaço no seu "corpo editorial" a uma representante do sexo feminino para que os interesses desse sexo fossem devidamente cuidados nas suas páginas. Cinco dias mais tarde Addison e Steele encerraram suas atividades e nem o *Spectator* na sua segunda série (1714) e nem seus muitos seguidores fizeram germinar essa idéia. Houve consideráveis inovações na "congregação" que debatia as matérias a serem tratadas pelos periódicos do mesmo gênero, como por exemplo a introdução de um membro camponês no *Patriotiske Tilskuer* (1761-63) de Copenhague. No entanto, é de se supor que conferir a uma figura de mulher um papel central numa atividade literária era considerado ainda por demais temerário.

Vejamos, pois, como essas educadoras se apresentam aos leitores. Em maior ou menor grau as três enfatizam a intrepidez de entrarem na esfera pública e a novidade e vantagens de tal iniciativa. *La Spectatrice* se propõe a superar em determinação e dedicação as iniciativas dos jornalistas que apoiaram a causa do *Spectator* na França, mas que não se mostraram perseverantes em tão útil empreendimento. Desafiando o previsto preconceito masculino, a autora se afirma confiante nas suas qualificações intelectuais e morais para levar adiante o periódico educativo. "Parece-me que em ambição, amor e outros assuntos nós queremos mais intensamente o que queremos", afirma a escritora³⁵. *La Pensadora Gaditana* exalta ainda mais a ousadia de pôr de lado "a timidez própria do meu sexo" e fazer com que "o mundo veja uma mulher que pensa com reflexão, corrige com prudência, admoesta com maturidade e critica com graça". Sua obra, explica Doña Beatriz, teve origem no "humor colérico" que se exaltou diante das "desatenções, grosserias e atrevimentos" do periódico *El Pensador* de Madrid em relação às mulheres. Deixando de lado seu usual silêncio, propõe-se a bataihar contra semelhantes injustiças e parcialidades. Ciente do atrevimento que significa uma mulher largar a "agulha" e a "roca" e, "sem a permissão das Universidades, dos Colégios e das Academias pegar a pena, folhear livros e citar autores", a autora alardeia seu papel de defensora das mulheres: "...já têm Vms. quem as vingue, já sai em campo uma mulher que as redime..."³⁶.

Já a *Female Spectator* é mais recatada e menos ousada na sua apresentação como fiel seguidora do *Spectator* de Addison e Steele. Quando lembra seu ilustre antecessor, é sempre para celebrar a sabedoria e fama de seu "memorável irmão", e nunca para questioná-lo ou para pretender superá-lo na sua

³⁵ *La Spectatrice*, nº. 1.

³⁶ *La Pensadora Gaditana*, nº. 1.

tarefa reformista. No entanto, é de se crer, como veremos mais adiante, que, sob a marca do disfarce e de uma aparente deferência às convenções, esta educadora tenha feito certas propostas relativamente subversivas, como se suspeltasse que o sucesso literário feminino dependia de se saber ousar, sem espalhafato.

Quanto aos objetivos, fica evidente desde os primeiros números dos periódicos que, como seu mais antigo predecessor, as três educadoras assumem o caráter de espectadoras privilegiadas e imparciais do “teatro do mundo” que, levadas pelo amor à causa pública, resolveram assumir o papel de gulas. Suas histórias de vida, a exemplo do modelo de *Mr. Spectator*, “editor” do *Spectator* inglês, também lhes fornecem credenciais para esse papel. Os jornais que se inscreviam na tradição do periódico britânico criavam, via de regra, um personagem-editor cujas experiências também lhes davam autoridade privilegiada de gulas. Em geral viajaram muito, viram muitas cenas do espetáculo da vida social e aprenderam a ver por trás das máscaras que “escondem as faces dos homens”, como afirmara *Monsieur Spectateur*, editor do *Le Spectateur François* (1721-24) de Paris. O *Patriota*, responsável pelo *Der Patriot* (1724-26) de Hamburgo, dizia conhecer o mundo além da Europa, incluindo “os canibais americanos”. Antes, *Mr. Spectator* também estivera no distante Egito levado pela sua insaciável curiosidade. Em certo sentido, pois, a vida humana em geral, quer em teatros, cafés, igrejas, praça pública, corte ou prisão, era o palco de observação dessas figuras que se querem apagadas, silenciosas e anônimas, que vêm sem serem notadas e que se misturam com os vários grupos e se assemelham a eles para melhor observá-los.

Como nesses casos, as experiências vividas pelas três educadoras as qualificam para a função que assumiram. A exemplo de seus antecessores, apresentaram-se como figuras singulares. *Madame Spectatrice* veio ao mundo em condições humilhantes: como filha ilegítima de um rico barão e de uma nobre falida rebaixada a governanta. Sua educação resumira-se ao aprendizado da leitura, mas por si mesma ampliara seu conhecimento lendo os livros que encontrava na biblioteca do cura local. Apesar de saber latim e de ler avidamente os clássicos, romances e “livros de moral”, nada no entanto se compara para ela ao prazer que lhe dá a leitura do “livro da natureza”; é nele que encontra uma “infinidade de assuntos para reflexão”. Este interesse pela natureza ao lado do reconhecimento de que as “mil coisas” que lhe atraíam atenção eram desconsideradas pela maioria das pessoas, faz com que

conclua que “a natureza me fez uma *spectatrice*”. A “vocação” especial dos espectadores, ela afirma, é que “eles observam caracteres, mesmo os mais comuns... e sempre notam aí alguma coisa de incomum”³⁷.

³⁷ *La Spectatrice*, nº. 1 e 10.

Já a pensadora de Cádiz se distingue pela sua obstinada recusa em seguir a carreira escolhida pelos pais e por ter recebido uma educação intelectual privilegiada. Querendo convencê-la a se tornar freira, os pais lhe proporcionaram meios de instrução inusitados para as mulheres, daí resultando ter ela “luzes” para a carreira de jornalista-educadora que inicia³⁸. A vida da *Female Spectator* mostra também a história de uma figura singular, especialmente na sinceridade com que se apresenta e reconhece suas fraquezas. Iniciando sua descrição ao dizer que “...nunca fui bela e estou longe de ser jovem”, esclarece também ter vivido em nome do prazer e da “diversão promíscua”, ter feito muitas tolices e experimentado as conseqüências da vaidade e da frivolidade. “Considerava um dia perdido se não houvesse oportunidade de me exibir”, confessa. Agora, já educada pelos próprios erros, seu consolo consiste em usar toda esta vasta experiência, aliada a uma educação mais extensa e liberal do que a usual para o seu sexo, para alertar os demais mortais para o sem sentido de uma vida pautada em paixões e aparências. Da antiga vaidade sobrou-lhe somente a ambição de ser “tão universalmente lida quanto possível”, daí resultando seu empenho em apresentar ao público uma variedade de assuntos e tons, capaz de atrair e gratificar uma grande gama de leitores³⁹.

³⁸ *La Pensadora Gadifana*, nº. 1.

³⁹ *The Female Spectator*, nº. 1.

A singularidade e ousadia dessas jornalistas é ainda mais marcante no tratamento que duas delas dão à sua condição de mulher. *Madame Spectatrice*, a mais intrépida das três, declara que desde muito cedo havia algo no seu nascimento que a entristecia mais ainda do que o fato de ter vindo ao mundo sem honra: nascera mulher. Dos dois males, ser bastarda e mulher, o segundo sempre lhe pareceu o pior: “o estado de mulher é uma desgraça natural para um certo tipo de alma. Que miséria ser ligada a um corpo feminino, escravizada por todos os costumes que mantêm nosso sexo em servidão!”. Nem mesmo se tornando rica e independente, após a morte do barão, consegue usufruir plenamente de sua “maioridade” e do fato de ser “dona de sua própria conduta”. A condição de mulher lhe aparece como um entrave absoluto a qualquer sonho de autonomia! O que fazer, então? Travestir-se, confessa ela no seu primeiro número, adotar um “exterior postiço”, assumir diferentes papéis de homem e mulher lhe parece a única solução, o único

melo de superar as limitações de seu sexo e de usufruir da liberdade de movimento e de visão que a sua alma de espectadora exige.

Sua ousadia não pára, no entanto, por aí. Logo a seguir ela faz uma outra confissão: renunciou aos “onerosos títulos de esposa e mãe”, levada também por sua ânsia de autonomia. Ser filósofa, ou espectadora, como pretende, diz ela, lhe parece incompatível com a condição degradante que qualquer casamento implica⁴⁰.

Por mais surpreendente que possa parecer, é da católica Espanha (e não da mais progressista Inglaterra) que vem outra semelhante renúncia. Doña Beatriz Cienfuegos, que recusara a carreira religiosa, como vimos, confessa que seu amor à liberdade impôs-lhe também a recusa ao matrimônio. “Minha inclinação é a liberdade de uma vida sem a sujeição penosa do matrimônio...”, diz ela, acrescentando ainda suas sérias dúvidas sobre a instituição do casamento que “pode-se converter em um martírio mais cruel que quantos inventou a tirania”⁴¹. Paradoxalmente, Eliza Haywood - pessoa que se sabe ter sido vítima dos preconceitos sociais enquanto escritora e mulher “imoral” que abandonara o marido levando-lhe os filhos - não utilizou seu *Female Spectator* para atacar aberta e publicamente as instituições e os costumes que a vitimaram. Pelo contrário, num claro esforço de imparcialidade, louva a obra de Pope, o autor que fora o grande responsável pelo sério abalo de sua reputação literária⁴².

Na tarefa educativa a que se propunha o *Spectator*, a profissão de imparcialidade aparecia como marca essencial, credenciadora de sua autoridade. Incorporando as qualidades de seu editor, *Mr. Spectator*, o periódico se apresentava como observador sem preconceitos e imune às paixões e interesses particulares. Neste aspecto, as três educadoras também o seguem e reafirmam, com a declaração de imparcialidade, a marca do gênero ao qual se filiam. Corrigir e educar sem poupar pessoas, quaisquer que sejam suas posições na hierarquia social, quaisquer que sejam seu poder ou sexo é igualmente o que se propõem publicamente a fazer. Sob a aparente semelhança encontra-se aí, no entanto, uma grande e ousada inovação do gênero introduzida abertamente por uma de nossas educadoras, a francesa, e mais veladamente pelas duas outras. Cumpre, pois, que nos estendamos sobre uma das mais distintas características do modelo do gênero *Spectator*.

De central importância no periódico de Addison e Steele é, sem dúvida, a estratégia do clube. Esta congregação, apresentada logo nos dois primeiros

⁴⁰ *La Spectatrice*, nº 1, 2, 4 e 6.

⁴¹ *La Pensadora Gaditana*, nº 1 e 16.

⁴² Para a crítica de Pope, ver: *The Dunciad* (1ª. ed. 1729), Book II; sobre os efeitos desse ataque na carreira literária de Eliza Haywood, ver: WHICHER, George Frisbie. *The Life and Romances of Eliza Haywood*. New York: Columbia University Press, 1915.

números como responsável pela organização e planejamento do jornal, era composta por seis membros, cada um deles representando um segmento da sociedade. Os leitores podem estar certos, afirmara *Mr. Spectator*, que “haverá sempre alguém presente para tomar conta de seus respectivos interesses, de tal forma que nada possa ser escrito ou publicado para a violação ou dano de seus justos direitos e privilégios”⁴³. Um baronete, um jurista, um capitão, um homem mundano e galanteador, um clérigo e um comerciante compunham a sociedade que se reunia todas as terças e quintas-feiras, e de cujo debate e conversaçoão se originavam os vários números diários do jornal.

Presidindo o clube de um modo imparcial e desinteressado sobressaía a figura de *Mr. Spectator* que, diferentemente dos demais membros, não se fillava a qualquer profissão, partido ou seita. Enquanto estes traziam para o debate as marcas particulares de suas origens e interesses, o único interesse de *Mr. Spectator* era o bem público. Através de toda sua vida, informa o periódico, ele desenvolvera a habilidade de se comportar mais “como um espectador da humanidade do que como um da mesma espécie”, ou seja, como um observador livre das paixões e preconceitos humanos. Tinha, pois, os requisitos ideais para presidir o clube de modo imparcial e desinteressado. Salvo, *en passant*, na aludida possibilidade de se introduzir um membro feminino no clube, em nenhum momento fora levantada a dúvida de que seu sexo poderia representar um obstáculo à imparcialidade pretendida. Na verdade, *Mr. Spectator* e os demais “*Spectators*” que se espalharam pela Europa eram homens que afirmavam ter a capacidade de não se impressionar pelas aparências e de ver por trás delas; homens autoconfiantes no seu exclusivo papel de porta-voz do interesse geral, aí incluído o das mulheres.

Ao contrário do que se poderia supor, levando em conta o relativo ufanismo com que se apresentam como autoras e o fato de se oporem à Idéia de que é prerrogativa do homem ser “espectador”, nossas três educadoras não se afirmam imunes aos preconceitos e parcialidades pelo fato de serem mulheres. Suas atuações enquanto jornalistas-educadoras são marcadas periodicamente por declarações de dúvidas, por afirmações de enganos e por um empenho em se corrigir com suas próprias reflexões; marcadas, enfim, por uma menor distância hierárquica entre elas enquanto autoras-educadoras e os leitores-alunos⁴⁴. A *Female Spectator*, a menos afeita a essas declarações, iniciara no entanto sua função, como vimos, lembrando suas antigas fraquezas e vícios e, pois, legitimando sua

⁴³ *The Spectator*, nº 34.

⁴⁴ A quebra da distância hierárquica entre o jornalista e o leitor, hierarquia baseada na tutela patriarcal endossada pelo *Spectator* e seus imitadores, foi estudada por Kathryn Shevelov em relação à *Female Spectator*. Op. cit. p. 167-171.

autoridade nos erros do passado. Se poderíamos, talvez, dizer que estas personagens-editoras já "inovam" o gênero com o que se poderia chamar de recato e modéstia femininos, revelando uma maior preocupação com as dificuldades em se atingir a imparcialidade desejada pelos educadores-observadores do "teatro do mundo", temos com a *Spectatrice* de Paris uma inovação digna da maior atenção.

Vimos anteriormente que *Mme. Spectatrice* adotara o travestismo como um meio de ampliar sua visão e de lhe garantir uma maior liberdade de movimento e pensamento; como uma tática, enfim, destinada a minorar a parcialidade dos sexos. Mas, como ela logo percebe, seria necessário algo mais para que ela usufruísse amplamente dessa maior liberdade que o disfarce exterior lhe proporcionava. A possibilidade de penetrar em domínios masculinos, como cafés, sem dúvida lhe aumentava os palcos de observação, mas não necessariamente lhe ampliava a visão. Sendo muito mais exigente e radical que *Mr. Spectator* e seus seguidores, ela revela consciência de que a imparcialidade requerida por um espectador exigia a alma independente e rara de uma "perfeita hermafrodita" capaz de pensar "acima dos sexos". É por se acreditar possuidora de uma alma desta peculiar natureza que ela se considera habilitada a desempenhar o papel de "*spectatrice*" ou, como se autodenomina, de "inspetora do gênero humano"; há "almas que pensam independentemente do sexo", diz ela, "e a minha, que é muito elevada, é uma delas"⁴⁵. A aparente arrogância de tal declaração, que parece negar as referidas modéstia e humildade femininas, é contrabalançada com a hábil encenação de um diálogo em que *Mme. Spectatrice* é, via de regra, sua própria interlocutora e crítica implodosa. Imaginando constatemente um censor a minar sua carreira, em vários momentos refere-se a dúvidas e dificuldades de suas idéias e contradiz suas mais radicais propostas. É uma incoerência sua, por exemplo, optar pelo título de *Madame*, quando *Mademoiselle* seria o único apropriado para uma mulher que tão radicalmente defende o celibato. No entanto, assumindo sua fraqueza e parcialidade, confessa ter acatado o preconceito público que afirma ser "o belo título de *Madame*" algo que "condiz melhor com uma mulher autora"⁴⁶. Do mesmo modo, ela também questiona sua autoconfiança de se considerar a "perfeita hermafrodita" apta a decidir se a razão masculina é superior à feminina. Num tom cético, ela levanta a questão: "Quem decidirá? (...) Onde encontrar este animal neutro, esta razão desinteressada?"⁴⁷.

⁴⁵ *La Spectatrice*, nº 2, 6 e 12.

⁴⁶ *Ibidem*, nº 11.

⁴⁷ *Ibid.*, nº 12.

A singularidade e ousadia da exigência de uma “perfeita hermafrodita” para melhor desempenhar a função educativa devem ser, de qualquer modo, enfatizadas. O hermafroditismo viola as categorias básicas da sociedade e de sua estrutura hierárquica. Mesmo a sociedade moderna não está à vontade com esta noção, como lembra Clifford Geertz, pois o hermafroditismo é uma realidade que desafia “as mais supostamente enraizadas das realidades: a masculinidade e a feminilidade”⁴⁸. Sabe-se que, por exemplo, enquanto o travestimento era um modo usual com que textos literários criticavam a ordem social no início da Idade moderna, a androginia ou hermafroditismo era um recurso muito mais raro e radical de crítica⁴⁹.

Um exemplo tocante de ambição de androginia, em muito semelhante ao de *Mme. Spectatrice*, encontramos não no mundo literário, mas no mundo real do século XVIII francês. A responsável por tal ambição é uma correspondente de Rousseau que se assinava Henriette e que lhe dirigiu um apelo de ajuda e aconselhamento. Uma breve análise da correspondência trocada entre eles pode contribuir para a avaliação da proposta de *La Spectatrice*. Vítima dos preconceitos e vícios do século, Henriette se vê enfrentando a solidão e o vazlo que aguardam uma mulher sem bens. Educada para ser esposa, mãe e dona de casa, ela declara ter perdido juntamente com sua fortuna todo o propósito da vida de uma mulher. Compelida pelas circunstâncias a ser, como ela diz, “não mais mulher, não mais mãe, não mais esposa”, ou, “a não ser nada, a não ter nada, a não pertencer a ninguém”, enfim, a não ter um papel a desempenhar numa sociedade que a marginalizou, ela sente que o único meio de suportar sua sina é esquecer seu sexo. De fato, diz ela, tendo-lhe sido negado o papel de mulher, ela foi transformada pela sociedade em um ser assexual. Adquirir um “ser posição que pudesse salvar o verdadeiro da humilhação” de ter perdido sua função, torna-se o único objetivo de Henriette. Como ela explica a Rousseau, a fim de tornar sua “existência menos penosa”, seu empenho é “fazer uma total abstração dos sexos, desde que eu não tenho as funções de um ou outro sexo a preencher”. Assim, apesar dos preconceitos da sociedade, ela pretende ter quaisquer ocupações ou virtudes que possam contribuir para a sua dignidade e bem-estar⁵⁰.

Comparando o empenho de Henriette com o de *Mme. Spectatrice*, podemos perceber que, apesar das diferenças em motivos e tom, a questão de autonomia é central a ambas. A relativa autonomia de que

⁴⁸ GEERTZ, Clifford. *Local Knowledge*. New York: Basic Books, 1983. p. 81.

⁴⁹ DAVIES, Natalie. Women on Top. In: *Society and Culture in Early Modern France*. London: Duckworth, 1975, p. 124-151. Sobre a relação entre androginia e feminismo, ver: MOI, Toril, op. cit., p. 2, 7, 13-15.

⁵⁰ LEIGH, R. A. (ed.). *Jean-Jacques Rousseau, Correspondance Complète*. Oxford: The Voltaire Foundation, 1965-1989, vols. 19 - p. 240-252, 20 - p. 18-22, 21 - p. 122-127, 22 - p. 8-10, 23 - p. 295-299, 38 - p. 124. Sobre Rousseau como conselheiro de Henriette, ver: STAROBINSKI, Jean. Le Remède dans le Mal: la pensée de Rousseau. In: *Le Remède dans le Mal*. Paris: Gallimard, 1989, p. 165-232.

Henriette usufruí, sendo solteira, só pode ser-lhe vantajosa se ela puder internalizá-la e aumentá-la aprendendo a pensar independentemente dos sexos. Ela não escolheu, como bem lembra a Rousseau, ser livre das obrigações do seu sexo, obrigações que na verdade a natureza e a cultura lhe haviam ensinado a amar. No entanto, tendo a sociedade “me aniquilado para elas” e proibido-lhe, enquanto mulher, “de existir para os outros”, ela se considera no direito de “aniquilar a sociedade” a seu bel prazer e fazer e pensar o que quer que ela considere mais conveniente, mesmo que isso signifique desafiar as distinções sociais básicas entre o feminino e o masculino⁵¹.

⁵¹ ROUSSEAU, J.-J.,
Correspondance, vol. 19,
p. 247.

No caso de *Mme. Spectatrice*, o empenho de pensar independentemente dos sexos não se originara na perda de suas funções femininas. É verdade que ser bastarda tinha sérias desvantagens numa sociedade que preza tanto os títulos. No entanto, ela pudera compensar isso com a demonstração de sua riqueza, outro valor do século. No seu caso, diferentemente do de Henriette, a resolução de não casar fora somente sua, bem como o travestismo que adotara. No entanto, a autonomia necessária para o papel de guia que assumira requeria mais do que a liberdade de uma mulher transformada ocasionalmente em homem. A habilidade de pensar acima dos sexos é, pois, apresentada como a qualidade de um ser autônomo e andrógino que desafia a sociedade ao rejeitar a ordem estabelecida e ao desempenhar o papel de reformadora.

Concluindo essas considerações sobre a originalidade do *La Spectatrice* em relação à noção de gênero, podemos conjecturar que tal inovação encontrou oposição e desconforto entre o público. O próprio Rousseau ficara desconcertado com o projeto de Henriette. Inicialmente, quando ela lhe expusera seu plano de estudo, ele a acusara de querer usurpar os direitos do outro sexo e de “fazer-se homem”, aliás uma crítica usual contra as mulheres com ambições literárias⁵². No entanto, ao negar peremptoriamente tal desejo, Henriette o confundira completamente, já que sua atitude não condizia com as expectativas usuais. “Você é um enigma humilhante e aflitivo para mim. Eu me acreditava conhecedor do coração humano, mas nada entendo do seu”, Rousseau lamenta⁵³.

⁵² *Ibidem*, vol. 20, p. 19.

⁵³ *Ibid.*, vol. 22, p. 9.

Quanto à *Mme. Spectatrice*, uma figura pública que contradizia as expectativas ao se dizer não só espectadora, algo já por si ousado, mas também hermafrodita privilegiada, é de se supor que tenha gerado uma resposta pouco encorajadora. Na verdade, uma reação nada surpreendente se considerarmos,

com o antropólogo Geertz, que dentre três grupos étnicos, os americanos, os Navaho e os Pokot, somente os Navaho consideram os hermafroditas como seres excepcionais e abençoados, aptos a desempenhar o papel de líderes na sociedade⁵⁴.

Se nos voltarmos agora para a questão da mensagem educacional desses três periódicos femininos, podemos dizer que em geral eles se esforçam sobremaneira por incorporar em suas páginas as qualidades distintivas de suas editoras e, para além de toda parcialidade, se devotar à causa pública. É neste sentido que a causa feminina não ocupa aí o primeiro plano mas surge como um item, importante sem dúvida, de questões sociais e morais mais amplas. Nesse aspecto, os três periódicos em certo sentido frustram expectativas geradas pelos seus títulos e pelo tom inicial ostensivamente feminino adotado pelas editoras. Revelando preocupações educacionais mais abrangentes, o público feminino não é, em absoluto, o seu único alvo. São relativamente poucos os números dirigidos especialmente às mulheres, e mesmo nesses casos os homens não parecem ser totalmente excluídos⁵⁵.

“O ‘capítulo da razão’ - e não o da mulher - é minha ‘mania’”, diz *Mme. Spectatrice* ironicamente⁵⁶. Na verdade, as espectadoras inglesa e espanhola também enfatizam que fazer homens e mulheres, incluindo elas próprias, mais racionais é sua principal ambição. “Despertar a mente para que exerça sua própria faculdade de discernimento”, para que se guie pelo seu próprio entendimento, é o objetivo principal de suas “lucubrações”, declara a *Female Spectator*⁵⁷. Contribuir para a “reforma dos abusos” e para o desenvolvimento da “conduta racional” dos seres humanos é também a grande ambição de Doña Beatriz, a despeito das ferozes “dentadas dos críticos”⁵⁸. As três educadoras igualmente coincidem quanto ao vício mais nocivo a combater: o amor próprio, fonte dos maiores males sociais. “O juízo enfermo e hidrópico do amor próprio”, diz a espanhola na sua eloquência peculiar, está na raiz da soberberia, da presunção e dos preconceitos que minam os alicerces da família e da sociedade⁵⁹. “Tirar a máscara” dos que se fazem passar por pessoas de bem (como diz a espectadora espanhola) e desmascarar “a tolice dos que se encantam na contemplação de seus próprios méritos” (como diz *Mme. Spectatrice*), apontando-lhes ao mesmo tempo o caminho para a harmonia social e individual, é a tática das três espectadoras⁶⁰. Cada uma a seu modo, com suas propaladas observações imparciais, tenta reformar a visão dos leitores, obscurecida, segundo elas, pelos

⁵⁴ GEERTZ, C., op. cit., p. 80-84.

⁵⁵ Dentre os 15 números do *La Spectatrice*, somente o 4, 5 e 10 nos parecem especialmente endereçados às mulheres. Dentre os 24 do *The Female Spectator*, somente seis números (nº 2, 5, 10, 13, 14 e 23) têm uma mensagem mais feminina. E dos 5 números do *La Pensadora Gaditana*, 15 parecem se dirigir mais às “damas”: nº 2, 4, 5, 9, 10, 14, 21, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 33 e 47.

⁵⁶ *La Spectatrice*, nº 15.

⁵⁷ *The Female Spectator*, nº 24, passim.

⁵⁸ *La Pensadora Gaditana*, nº 18, 20 e 22.

⁵⁹ *Ibidem*, nº 35.

⁶⁰ *Ibid.*, nº 40; *La Spectatrice*, nº 7 e 2.

maus costumes e preconceitos. Neste ponto podemos verificar uma diferença significativa entre a espectadora francesa, de um lado, e a inglesa e espanhola de outro.

Segundo *Mme. Spectatrice* a desarmonia reinante em sociedade se deve fundamentalmente à generalizada extravagância de se supor que “minha razão é A Razão”. De acordo com esse princípio tolo e infundado, os outros estão errados se não pensam como nós, se não são como nós⁶¹. Determinada a combater tal “tolice”, *Mme. Spectatrice* se põe a mostrar, de um modo muito mais explícito do que o *Spectator* original, que o que separa os homens das mulheres é o mesmo “vício” que divide os nobres dos plebeus, os grandes e poderosos dos pequenos e humildes, o orgulhoso “sábio” do “pequeno artesão”: a Arrogância. Foi no grande espetáculo parisiense, ela relata, que pudera observar que é entre os chamados “grandes” que impera a prepotência; é a eles, pois, que dirige especialmente seus conselhos. O sentimento de superioridade dos nobres e “grandes senhores” em relação aos burgueses e humildes se funda no errôneo juízo de que a grandeza humana se baseia em bens e títulos. Essa presunção poderia ser corrigida com o exemplo de um “simples vassalo”, que humildemente chamaria o “grande” à razão e ao reconhecimento de que “a nobreza da alma supera o que se herda dos ancestrais” e que não se é verdadeiramente nobre quando “toda a grandeza se reduz à nobreza de sangue e ao brilho da vestimenta”⁶².

Segundo *Madame Spectatrice*, nada diferente a este respeito é a atitude dos “sábios” que desprezam os que só têm o conhecimento necessário à sobrevivência. Validosos e prepotentes, estes “filósofos” se comportam como “duques, Príncipes do Saber”, havendo até aqueles que se erigem em “monarca da República das Letras”. O exemplo de humildes e capazes sapateiros pode ser aqui igualmente útil para abater o orgulho indevido⁶³. Não há como negar, pois, que sobressai na atuação educacional de *La Spectatrice* uma ousada e potencialmente subversiva mensagem implícita no veredito de que os “grandes” - quer grandes em bens, títulos, posição ou saber - têm muito a aprender com os “pequenos”. De fato, formular tal veredito era nadar contra a corrente. A maioria dos periódicos franceses se dirigia a uma audiência sofisticada, mostrava deferência à hierarquia social e um respeito especial à nobreza. As classes baixas, em geral ausentes, se ocasionalmente mencionadas não eram apresentadas jamais como objeto de imitação, mas sim “de instrução e caridade”⁶⁴.

⁶¹ *Ibid.*, nº 13, 15, *passim*.

⁶² *Ibid.*, nº 1 e 6.

⁶³ *Ibid.* nº 1, 2, 3 e 11.

⁶⁴ BOTEIN, S., CENSER, J. R., RITVO, H.. *The Periodical Press in Eighteenth-Century English and French Society: A Cross - Cultural Approach. Comparative Studies in Society and History*, 23, 3 (Jul 1981), p. 464-490.

A arrogância dos “grandes” e “sábios” não está ausente da agenda de reforma das espectadoras inglesa e espanhola, mas a crítica a eles está contida nos limites de uma relativa deferência à ordem estabelecida. De modo mais ou menos explícito, elas defendem a idéia de que assim como na escala universal tudo tem seu lugar devido, a hierarquia social também faz parte da natureza das coisas. O que se questiona não é a estrutura social e política, mas sim o desempenho que se tem no papel que coube a cada um em sociedade. Os males a combater são fundamentalmente fruto de uma errônea atitude face a um estado de coisas que, em si mesmo, é harmonioso e sábio. Ser excelente no papel que coube a cada um no drama humano, assumindo as responsabilidades e deveres aí envolvidos, é o meio de reproduzir no nível social o espetáculo de harmonia e interdependência que vigora no macrocosmo. *La Pensadora Gaditana* insiste sobre a importância de cada um “desempenhar o papel que lhe corresponde no teatro do mundo”, enfatizando que “se todos vivessem contentes com aquele estado ou gênero de viver que lhes tocou pela sorte” e se “os pais não tentassem “tirar seus filhos da esfera em que nasceram” reinaria harmonia e felicidade entre todos. É arrogância dos homens querer “representar distinto papel que o que lhes compete”; os que se “atrevem a sair do seu estado”, não só geram desordens sociais como atraem para si inevitável sofrimento⁶⁵. Da mesma forma, *The Female Spectator* se refere frequentemente à comum ilusão humana de que o lugar que nos coube no drama social é indevido e injusto. “O próprio cerne da felicidade pública” é atingido quando desafiamos a natureza e a sabedoria divina, supondo que sabemos mais do que elas o que nos convém. Não só acrescentamos mais peso ao nosso “quinhão”, como também o amor próprio e o orgulho ocupam o lugar das virtudes sociais da benemerência e do amor ao próximo. Ser “excelente em qualquer que seja a condição ou profissão” que coube a cada um e não procurar “sair de sua própria esfera e desempenhar um papel que a natureza não determinou” são igualmente ensinamentos constantes da *Female Spectator*, ensinamentos que inclusive recorrem a seu antigo algoz, Pope, lembrando ao público a “sabedoria” contida em seu célebre verso “whatever is, is right”⁶⁶.

Evidentemente estamos aqui diante de textos representativos de uma faceta do Iluminismo, o “otimismo da aceitação”, onde prevalece a atitude de satisfação e complacência com a ordem das coisas⁶⁷.

⁶⁵ *La Pensadora Gaditana*, nº 7, 35, 10, 2, passim.

⁶⁶ *The Female Spectator*, nº 3, 16, passim.

⁶⁷ Sobre o “otimismo da aceitação” e o subsequente “otimismo do progresso” no século XVIII, ver: WILLEY, Basil. *The 18th Century Background - Studies in the Idea of Nature in the Thought of the Period*. Londres: Chatto & Windus, 1980.

Sem os refinamentos metafísicos que fundamentavam a teoria do "melhor dos mundos possíveis", pode-se dizer que os periódicos Inglês e espanhol difundiam uma versão popular da doutrina de Leibniz. Ocasionalmente há em ambos os textos, no entanto, considerações que relativizam, ou até contradizem, o referido contentamento com o status quo. Como que ensaiando "ousadias" semelhantes às de *Madame Spectatrice*, a espectadora inglesa, por exemplo, reconsidera o papel exemplar que ela conferira aos "grandes". Ao invés de instar os superiores a "liderarem o caminho" da reforma dos costumes, como comumente fazia, ela alude em duas ocasiões à possibilidade de exemplos de comportamento e virtude serem encontrados entre os de posição inferior, que se acham muitas vezes enterrados "em obscuridade, ou com suas glórias conferidas a outros"⁶⁸. *La Pensadora Gaditana*, por sua vez, no que qualifica acertadamente de um de seus "maiores vãos", critica os que ridicularizam os esforços que "fazem os menores para chegar a ser grandes". Fruto de uma "desproporcionada arrogância", esse desprezo dos grandes impede que os talentos dos "que nasceram humildes" sejam postos em benefício do bem comum. Defendendo-se de antemão da acusação de subversiva por desejar "que todos os que nasceram para obedecer (...) cheguem a mandar (...) subindo todos a ser Senhores", Doña Beatriz assegura que não quer instigar "conspirações entre a maior parte dos viventes", mas sim evitar que indivíduos de valor e sabedoria "mesclados na Plebe" se percam na obscuridade, simplesmente por não serem acompanhados dos "estimáveis acidentes de nobreza ou riqueza"⁶⁹.

Se o combate à arrogância é a grande tônica dos ensinamentos que as três espectadoras dão ao público em geral, qual é o lado mais especificamente feminino de suas mensagens? Questões pretensamente mais femininas, como a escolha de um marido, as vicissitudes da vida da mulher casada ou casadoira, a preocupação feminina com a aparência são temas recorrentes nos três periódicos. No entanto, ao tratar dessas questões "menores" eles lhes dão muitas vezes um alcance político-social e enfatizam a idéia de serem tais assuntos não só de interesse feminino, mas também masculino e humano, de um modo geral. "As misérias da vida civil", diz a *Female Spectator*, se devem não só ao descontentamento com a posição que nos coube, mas também a casamentos infelizes. Quem está desgostoso na esfera doméstica é "um membro inadequado da sociedade", incapaz de contribuir para a harmonia geral. Daí se segue, continua a espectadora britânica, que tratar de assuntos ditos "femininos" é de

⁶⁸ *The Female Spectator*, nº 16 e 24.

⁶⁹ *La Pensadora Gaditana*, nº 20.

⁷⁰ *The Female Spectator*, nº 3, 6, 9, 24, passim.

⁷¹ *La Pensadora Gaditana*, nº 6 e 8.

⁷² *Den Patriotiske Tilskuer*, Copenhagen, 1761-63 (tradução alemã, *Der Patriotische Zuschauer*, Flensburg, 1769-1772), nº 118, 119 e 120.

⁷³ *The Female Spectator*, nº 10.

central importância para ambos os sexos e para a ordem e harmonia social⁷⁰. Na verdade, em certo sentido, os três periódicos parecem reconhecer que reflexões e ensinamentos dirigidos exclusivamente às suas leitoras seriam meramente paliativos se a sociedade como um todo não se reformasse e aqueles de quem as mulheres dependem não fossem reeducados. Se tanto critica o comportamento das mulheres, afirma a espectadora espanhola, é para ser melhor ouvida pelos homens. Se os corrigisse abertamente, lhe tirariam "estima e crédito em dois dias"⁷¹.

A esse respeito e na mesma época do *La Pensadora Gaditana*, um seguidor dinamarquês do *Spectator*, *Den Patriotiske Tilskuer* (O Espectador Patriótico), fazia comentários muito pertinentes. As mulheres, dizia o periódico, estão a enfrentar um dilema. Se, por um lado, se dedicarem mais ao aprimoramento do espírito e "a valorizar mais os livros que o espelho", correm o grande risco de se tornarem totalmente insatisfeitas com o casamento e com seus provedores, quer pais ou esposos. Munidas de uma mentalidade superior à deles, dificilmente poderiam suportá-los e respeitá-los. Face a esse conflito, a única saída seria as mulheres ilustradas se dedicarem, sorrateira e habilmente, a reeducar e "aprimorar" os homens. Só desse modo poderiam os dois deveres antagônicos - um, para consigo mesmas, outro para com a sociedade - se compatibilizar. Essa é uma missão que, longe de ser simples, comenta o espectador dinamarquês, envolve grandes dificuldades, já que contraria os arraigados costumes e propalados "deveres" femininos⁷².

Enfrentando, pois, os riscos, tanto a mais subversiva *Madame Spectatrice*, quanto as mais recatadas e conservadoras espectadoras espanhola e inglesa se erigem em educadoras dos homens, aigo por si só tão contestador da ordem quanto a afirmação de que os "grandes" têm muito a aprender com os "pequenos". Excluídas formalmente da política e da maioria das profissões, as mulheres de várias origens e condições sociais viviam subordinadas aos pais ou maridos. Nisso, as leis e os costumes dos vários países pouco diferiam. Devia, portanto, parecer duplamente inapropriada a atuação de mulheres autoras que, à já relativa ousadia de se serem a público acrescentavam a afronta de se arvorarem em conselheiras de seus guardiões. O que, pois, "ouvem" eles dessas três educadoras?

Em primeiro lugar que, dado o fato da dependência das mulheres, criticá-las por atitudes e condutas das quais são eles próprios os causadores é no mínimo indigno e "altamente mesquinho"⁷³. Se, como diz Doña Beatriz, "os cúmplices e causas principais de nossas

⁷⁴ *La Pensadora Gaditana*, nº 9, 46, passim.

⁷⁵ *Ibidem*, nº 11, 13 e 34.

⁷⁶ *La Spectatrice*, nº 6.

⁷⁷ *La Pensadora Gaditana*, nº 50.

⁷⁸ *La Spectatrice*, nº 12.

desgraças” são os mesmos que nos censuram desde tempos imemoriais, é imperioso despertá-los para o fato de que as faltas que julgam “peculiares a nosso sexo, estas mesmas, mas bem aumentadas, se encontram repetidas em seus estilos, condutas e conversações”⁷⁴. Não só as mulheres, por exemplo, não desempenham bem seu papel doméstico. O homem também se furta “à sua primeira obrigação”, lembra a espectadora de Cádiz, quando abandona a família para buscar na América a satisfação de seus anseios de independência e ganância⁷⁵. Curiosidade, vaidade, tagarelice, frivolidade e volubilidade são outros vícios dos quais os homens não estão isentos, não obstante receberem uma educação menos frívola. Que se reformem e passem a valorizar as qualidades humanas das mulheres é o apelo de *Madame Spectatrice*. E como que alertando os homens para a possibilidade de uma radical redefinição de suas posições privilegiadas, se as mulheres viessem a ocupar um dia a esfera pública, ela faz a seguinte consideração: se fosse rainha confinaria os “desprezadores das mulheres” numa ilha governada por mulher, para que aprendessem que não falta a elas “dons de humanidade” e que mesmo confinadas ao papel doméstico que os homens desprezam, têm bom senso e entendimento para dirigir sabiamente um Estado⁷⁶. É arrogância e vaidade desmedida dos homens que se dizem “cultos” desprezar as mulheres não instruídas, lembra Doña Beatriz. Não só desconsideram as dificuldades de instrução que as mulheres enfrentam, devido a suas obrigações domésticas, como desconhecem a sua inegável capacidade de entendimento e o conhecimento envolvido nas atividades femininas⁷⁷. O entendimento nas mulheres, afirma *Madame Spectatrice*, não é em nada inferior ao dos homens, e poderia ser até superior ao deles se fosse “tão treinado, tão cultivado pela educação (...) quanto o deles”⁷⁸.

Enfatizando a responsabilidade que cabe aos homens pela atual ordem das coisas, a *Female Spectator* parece menos conformada que suas colegas com o descaso pela instrução das mulheres. Para que os talentos com que elas nascem “não sejam abafados com um educação errada” e para que a “dignidade da natureza humana” não lhes seja negada, cabe ao homem encorajá-las e provê-las com os meios de educar-se. Que “as agradáveis pesquisas da Filosofia”, da Matemática, da História, do conhecimento em geral sejam, pois, “as sérias ocupações da mente de uma jovem” e que a música, a dança e trabalhos de agulha ocupem um lugar secundário em sua educação. Só assim, lembra a educadora inglesa, haverá fim à

abominável atitude masculina de se incentivar na mulher aquilo pelo qual ela é desprezada. Argumentar que tais conhecimentos são inúteis para suas ocupações ou que torná-las-ão arrogantes é argumento infundado e, ele sim, fruto de uma extrema arrogância⁷⁹.

⁷⁹ *The Female Spectator*, nº 10 e 15.

Quanto à dita obsessão feminina com a aparência e com o coquetismo é unânime o veredicto de que são características que se devem à frivolidade e vícios dos homens. Em primeiro lugar, não são eles isentos de vaidade e muito mais absurdo do que a preocupação das mulheres com seu visual é o homem "se angustiar com uma espinha e ficar alarmado com a mera idéia de uma ruga"⁸⁰. Em segundo lugar, fossem eles diferentes, menos frívolos, valorizassem a mente feminina, as mulheres não seriam vaidosas e coquetes como são. Observando com amargura a agitação que uma chuva provocara numa jovem que passeava pelo Jardim das Tulherias, devido ao desalinho causado em seu penteado e suas roupas, *Madame Spectatrice* comenta: ela ali estava para ser vista e "fazer conquistas", como tantas outras que se submetem às exlências masculinas; enfim, a moça queria parecer bonita e sedutora. Ser coquete é a arma feminina para entrar na única carreira que lhe está aberta: o casamento. A jovem "faz parte do sistema geral (...) ela quer se casar e se ajusta ao gosto do século (...)". Muito pouco se pode contra isso enquanto os homens só tiverem olhos para o exterior da mulher, comenta desgostosa a espectadora francesa⁸¹.

⁸⁰ *Ibidem*, nº 2 e 7.

⁸¹ *La Spectatrice*, nº 10.

Mas, quais os conselhos endereçados de fato às mulheres nesses periódicos? Não muitos, mas sem dúvida significativos. A que menos tem algo a dizer exclusivamente a suas leitoras é, paradoxalmente, a mais ousada de todas, *Madame Spectatrice*. Sua única e radical mensagem diz respeito à tolice de um casamento desnecessário. "A estupidez de uma mulher que não precisa casar e se casa para fazer o que as outras fazem é sempre uma coisa nova e triste para mim". Às poucas felizardas a quem, como ela, a vida concedeu independência, o conselho é categórico: se não quiserem perder a dignidade de seres humanos, renunciem não necessariamente ao amor, mas ao laço conjugal. Pois, se no amor as mulheres podem se relacionar com os homens como "dominadoras ao menos por algum tempo", no casamento a sina é ser "suas escravas para sempre". É essa a única ocasião em que *Madame Spectatrice* demonstra sua veia mais feminista de hostilidade para com o homem, nele vendo um adversário tanto mais detestável quanto mais necessário. Ele é definido como um ser essencialmente hipócrita e autoritário, em quem não se pode confiar:

⁸² Ibidem, nº 4.

“tão logo uma mulher acredita em suas boas intenções, ela está perdida se não puder escapar (...)”. Enfim, como que se desdizendo e desacreditando de qualquer reforma possível, a espectadora parisiense parece considerar o homem como um ser Irrecuperável, que nenhuma educação pode melhorar: é loucura se casar quando se pode evltar “depender de um homem que é sempre um homem assim como um macaco é sempre um macaco”⁸². É de se desejar que Henriette, a correspondente de Rousseau, tivesse aprendido com *Madame Spectatrice* a valorizar sua “sorte” de mulher solteira!

Tanto a *Female Spectator* como a *Pensadora Gaditana* haviam, como vimos, insistido na idéia de que ser excelente no papel que coube a cada um no drama humano deveria ser a preocupação central da humanidade. Poderíamos, pois, supor que coerentemente com essa visão, os dois periódicos pregassem a total resignação e aceitação do papel subordinado da mulher em sociedade. Mas, como comumente se observa, doutrinas e textos se permitem ricas Inconsistências, e temos então nesses periódicos interessantes conselhos que visam a armar as mulheres para enfrentar um mundo que não se lhes apresenta como “o melhor dos mundos possíveis”.

Na questão do casamento *Madame Spectatrice* “pintara” um quadro pouco auspicioso. À grande maioria das mulheres que não podiam se furtar a entrar nessa “carreira”, a mensagem era de desalento enquanto o mundo não se reformasse. São Infelizmente muito poucas as que podem “apanhar as rosas do casamento e se livrar dos espinhos”, não todos evidentemente - o que é impossível - mas os “mais espinhosos”, ela afirmara. A grande maioria estaria fadada a perder com o matrimônio sua dignidade. Impossibilitada de escolher o companheiro por lhe faltar os atributos de riqueza e beleza, só lhe restaria “ser escolhida” pelo “refugio das belas e ricas”⁸³. Revelando-se mais pragmáticas e otimistas, a *Female Spectator* e a *Pensadora Gaditana* parecem se dispor a ajudar essa grande maioria a suavizar os espinhos e a cultivar as “rosas” do casamento, por poucas que estas pudessem ser. Seus conselhos são pois no sentido de garantir às mulheres a maior felicidade possível no mundo tal como está, enquanto uma reforma geral da sociedade e daqueles de quem elas dependem não ocorresse.

Aceitar o papel de mulher e ser nele excelente não significa, para essas duas educadoras, que qualquer união conjugal deva se realizar e que se deva aceitar passivamente dentro dela o papel subordinado que a situação de dependência parece implicar. No

⁸³ Ibid., nº 4 e 5.

dizer da *Female Spectator*, é sabedoria usarmos nossos "maiores esforços para ficarmos satisfeitos com o quinhão que nos coube", mas o casamento sem amor não parece ser visto como um "destino inelutável"⁸⁴. Em ambos os periódicos sobressai a idéia de que o casamento de pessoas que não se amam não faz parte do rol dos dados humanos inamovíveis, como pobreza, feiúra, condição social, sofrimento etc. Daí se segue que tanto um como outro, apesar de insistirem na obediência aos pais como um dever inquestionável - e no caso da espectadora Inglesa, relatar várias histórias desastrosas de uniões contra a vontade dos pais - dispensam os jovens da obediência no caso de propostas de casamento que não levam em conta o sentimento dos interessados. Só quando justos os pais devem ser obedecidos, argumentara a pensadora de Cádiz⁸⁵. Não pode ser considerada crime a desobediência quando se trata de coisas "ilegais" segundo a lei de Deus, diz a *Female Spectator*. E, seguramente, "prometer amor eterno a uma pessoa a quem se tem aversão" é infringir as leis divinas⁸⁶.

Do mesmo modo que as jovens eram aconselhadas a não aceitar passiva e silenciosamente a imposição de pais arbitrários, as mulheres eram, em certa medida, encorajadas a reagir contra a situação subordinada no casamento, especialmente no que se refere a questões de infidelidade. Após publicar a carta de uma leitora que se queixava das "iniqüidades que as mulheres sofrem sob a escravidão masculina" e confessava ser infiel ao marido, a *Pensadora Gaditana* faz uma surpreendente defesa das "Infeizes que se precipitam" no adultério. Abandonadas, confinadas e preteridas por outras, é compreensível que tais esposas desamadas procurem consolo e amor em outros braços. Entendendo por liberdade "licença para tudo o que é ilícito", os maridos são os que "com seu exemplo autorizam as traições e abrem o caminho da infidelidade"⁸⁷. A traição dos homens, diz também a *Female Spectator*, não é para ser heróica e silenciosamente suportada. No entanto, ao invés de se entregarem à tristeza ou a demonstrações públicas de ciúmes, as mulheres devem puni-los com sabedoria, ou seja, usando seus poderes insuspeitos, que são maiores se tornam quanto mais elas souberem usá-los sem alarde. Referimo-nos anteriormente a "propostas relativamente subversivas" da espectadora Inglesa por trás de uma "aparente deferência às convenções". O princípio que estaria por trás dessa tática de aparente recato está formulada, de passagem, numa frase digna de nota: "Não é por força que nosso sexo pode esperar manter sua influência sobre os homens, e eu novamente

⁸⁴ *The Female Spectator*, nº 24, passim.

⁸⁵ *La Pensadora Gaditana*, nº 51.

⁸⁶ *The Female Spectator*, nº 20 e 23.

⁸⁷ *La Pensadora Gaditana*, nº 28.

⁸⁸ *The Female Spectator*, nº 10.

repto como a mais infalível das máximas que para podermos realmente dominar, devemos parecer vencidas”⁸⁸. É em nome desse princípio, por si só fértil em consequências e ensinamentos, que a *Female Spectator* se rejubila com o relato da vingança exemplar de Barsina, uma esposa traída, publicado no seu número 14, e que é apresentado como algo digno de imitação. Com arte e sabedoria, Barsina elaborara um plano de punição modelar, reduzindo o marido a figura pública desprezível, ao mesmo tempo em que mantivera sua própria reputação imaculada.

Um último conselho significativo dado tanto pela educadora espanhola quanto pela britânica é o que urge as mulheres a se unirem em defesa do seu sexo, enaltecendo suas virtudes e não denunciando ao mundo seus defeitos. Sendo tão dependentes dos homens, nenhum cuidado é pouco com nossa conduta, especialmente quando “em presença dos homens, nossos disfarçados inimigos”, lembra a espectadora gaditana.⁸⁹ “Quaisquer faltas que encontramos entre nós (mulheres) é seguramente nossa obrigação esconder, e minorar o mais possível”, aconselha a educadora inglesa. “Os homens muito facilmente desenvolvem preconceitos contra nós, e ao mesmo tempo que podem nos chamar de anjos estão prontos a considerar-nos decaídas”⁹⁰.

⁸⁹ *La Pensadora Gaditana*, nº 24.

⁹⁰ *The Female Spectator*, nº 13.

A essa altura parece desnecessário perguntar se Jean-Jacques Rousseau teria aprovado essas três espectadoras como ele lera e aprovara o *Spectator* de Addison e Steele, e se ele teria igualmente recomendado a leitura desses periódicos para a educação de Sofia. Obviamente, o mero fato de serem representados como obras de mulher já os excluiria de sua lista de leitura; como fruto de uma intromissão indevida do sexo feminino na esfera pública já seriam por si só deseducativos, independentemente de seu real conteúdo. Muito provavelmente as críticas à arrogância dos poderosos, dos “filósofos”, das “luzes” e das hipócritas civilidades seriam por ele aplaudidas, não fossem elas provenientes de seres destinados a obedecer e a ouvir e não a criticar e a aconselhar. A jovem fiel à natureza, segundo Rousseau, “não será o professor de seu marido e sim sua discípula”. Seus gostos serão sempre os do marido, que “terá o prazer de tudo lhe ensinar”⁹¹. É fato que esses textos não ofereciam um claro e incisivo desafio à idéia de ser a esfera doméstica o lugar natural da mulher; todos eles, e mesmo o mais ousado, o francês, eram ambivalentes e pareciam hesitar entre encarar isso como parte da natureza das coisas ou como algo puramente circunstancial. No entanto, a despeito dessa hesitação, os três periódicos

⁹¹ ROUSSEAU, J.-J., *Emílio*, Livro V.

definitivamente não pretendiam educar as mulheres para serem doces e submissas como Sofia e nem para serem fiéis e cordatas "discípulas" de seus maridos. Nisso, pelo menos, eles parecem ter sido claros.

Se quiséssemos enfrentar agora a espinhosa questão da influência dessas obras, a falta de dados sobre seus leitores parece fechar qualquer possibilidade de conclusão, ou até de especulação. Mesmo se tivéssemos a lista de seus subscritores - que é o caso da *Female Spectator* - restaria sempre o problema de saber se esses compradores liam as obras que adquiriam e, o mais importante - lembrando Roger Chartier -, como liam, que tipo de apropriação faziam e que influência essa leitura exercia sobre eles⁹². No nosso caso, a ausência de testemunhos de leitores reais é compensada com um testemunho literário que nos parece bastante sugestivo. Em 1753, Carlo Goldoni, um dos mais populares e internacionais teatrólogos do século, encenou com grande êxito em Veneza sua peça, *Il Mercatanti*. O sucesso, que se espalhou pela Itália, se repetiu também em outros palcos europeus, sendo a peça logo traduzida para o alemão, dinamarquês, francês, espanhol, russo e sérvio. Nela, a personagem Giannina, holandesa morando em Veneza, desempenha um papel central. Jovem "muito instruída e muito sensata", no dizer do próprio autor, ela se impõe "a tarefa" de "corrigir" Giacinto, Italiano Insensato de quem está enamorada⁹³. Em relação à mulher, a opinião do jovem era que para ser "a maior filósofa do mundo", bastava que a mulher soubesse pronunciar "due lettere, s, i, sì"⁹⁴. Muito significativamente, a leitura de Giannina na peça é *La Spettatrice*, que ela descreve como "uma filósofa que observa as ações humanas, examina as paixões e raciocina com bom critério sobre os vários sistemas de nosso século"⁹⁵. Os males de Giacinto são, segundo Giannina, fruto de "preconceitos" que se lhe insinuaram no espírito. Confiante de que se ouvir uma "linguagem nova" o "homem reeduca-se", ela é estimulada a "corrigi-lo", a "iluminá-lo"⁹⁶. Consegue seu intento e com ele se casa. A obra inspiradora dessa "correção" era exatamente a *Female Spectator* que acabara de surgir em Veneza, traduzida para o italiano⁹⁷.

Se considerarmos a importância que Bourdieu atribui ao quadro institucional que confere autoridade, poder e legitimidade à produção cultural, aí incluindo, por exemplo, críticos, editores e academias, poderíamos dizer que o lugar eminente de Goldoni na cultura iluminista e a popularidade de suas obras só pode ter consagrado a importância do periódico *La Spettatrice* como obra educativa⁹⁸. Exercendo simultaneamente os

⁹² CHARTIER, Roger. *Cultural History - Between Practices and Representations*. Cambridge: Polity Press, 1988, parte I: Debate and Interpretations.

⁹³ GOLDONI, Carlo. *Mémoires*. Paris, (s. ed.), 1787, cap. 14.

⁹⁴ *Il Mercatanti*, Tutte le Opere di Carlo Goldoni, Milão: Arnaldo Mondadori Editore, 1945, vol. IV, ato I, cena 18.

⁹⁵ *Ibidem*, ato I, cena 17.

⁹⁶ *Ibid.*, ato 2, cena 12.

⁹⁷ *La Spettatrice*, opera scritta in inglese e tradotta dal francese, G. Teverini, 1752.

⁹⁸ BOURDIEU, Pierre. *The Field of Culture Production - Essays on Art and Literature*. Cambridge: Polity Press, 1992, parte I.

papéis de produtor e mediador cultural, Goldoni com // *Mercatanti* teria funcionado como um poderoso mediador a legitimar não só o caráter educativo do periódico, como também as potencialidades das mulheres como corretores e educadoras dos homens.

Evidentemente, muito mais dados como esse seriam necessários para compor um quadro de maior peso sobre o papel desses três periódicos educativos na articulação e disseminação de visões alternativas de mulher. De qualquer modo se, face à escassez de dados, acrescentarmos os comentários dos críticos contemporâneos já mencionados, que enfatizavam, por exemplo, ser *La Spectatrice* obra "que todo mundo conhece" e *La Pensadora Gaditana*, texto merecedor do aplauso Internacional, contamos com testemunhos que atestam um relativo sucesso dessas educadoras na sua ambição de trabalhar pela causa pública. A mais longo prazo, entretanto, não fizeram escola. As inovações que introduziram no gênero *Spectator* não parecem ter germinado e quer na França, Espanha ou Inglaterra não se tem notícia de outras espectadoras a levarem avante a idéia de uma observadora imparcial a reformar a sociedade e os homens. Na França, as jornalistas do futuro *Journal des Dames* (1759-78) não dispunham de "modelos bem sucedidos no qual se inspirarem"⁹⁹. Na Espanha, temos que esperar até 1822 para que um segundo jornal feminino aparecesse, *El Periodico de las Damas*¹⁰⁰. E, na Inglaterra, a imprensa feminina que se desenvolveu na segunda metade do século XVIII se caracterizou por ser mais e mais especializada, por se dissociar dos assuntos do "outro" gênero, o masculino, e, pois, por ser "um ativo agente na perpetuação" da divisão dos sexos, característica aliás marcante de grande parte das revistas femininas ainda hoje¹⁰¹.

O modelo *Spectator* de Addison e Steele cativou muitos autores do Século das Luzes. *Madame Spectatrice*, Doña Beatriz Cienfuegos e Eliza Haywood são três dentre muitos. Assumindo o papel de observadoras que, como camaleões, se misturam com diferentes setores da sociedade, elas eram figuras anônimas e discretas que diziam coisas desconcertantes e incomuns sobre muitas idéias e práticas bem estabelecidas. Em certo sentido, elas (e todos os outros espectadores) jogavam um jogo e usavam uma máscara a fim de denunciar os jogos evasivos e as máscaras enganadoras da sociedade. Starobinski descreve a estratégia de Rousseau para "curar" a sociedade como "a transformação da doença em remédio", a utilização do mal para sanar o mal, da máscara para denunciar a máscara¹⁰². Tal

⁹⁹ GELBART, Nina Rattner. *The Journal des Dames and its Female Editors: Politics, Censorship, and Feminism in the Old Regime Press*. In: CENSER, Jack R., POPKIN, Jeremy D. (eds.), *Press and Politics in Pre-Revolutionary France*. Berkeley: University of California Press, 1987, p. 27.

¹⁰⁰ PERINAT, Adolfo, MARRADES, M. Isabel. *Mujer, Prensa y Sociedad en España 1800-1939*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1980, p. 17.

¹⁰¹ SHEVELOW, Kathryn, op. cit. p. 152. Sobre as revistas femininas no mundo moderno e seu papel na manutenção do "culto da feminilidade", ver: FERGUSON, Marjorie. *Forever Feminine: Women's Magazines and the Cult of Femininity*. Londres: Heinemann, 1983.

¹⁰² STAROBINSKI, Jean, op. cit., p. 165-208.

caracterização é igualmente pertinente para descrever o gênero *Spectator* em sua ambição reformadora. Usando a máscara de leitoras privilegiadas que afirmam ter uma visão ampla e exemplar do mundo, as três leitoras, assim como os seus "colegas" jornalistas, se apresentavam como mediadoras entre o mundo e os leitores, oferecendo a estes não propriamente o espetáculo do mundo mas a visão delas sobre o mundo. Quer tenham sido criação de autores ou autoras, o fato é que eles ou elas consideraram que uma personagem feminina poderia "jogar" melhor o "jogo" do *Spectator* e abrir novas fronteiras na carreira didática dos leitores. Se, como já se afirmou, o fenomenal sucesso do gênero *Spectator* revela um certo modo do século XVIII ver o mundo, sem dúvida esses três periódicos femininos acrescentaram novos ângulos a essa visão¹⁰³.

A exemplo de Paul Hazard, diríamos que *La Spectatrice*, *La Pensadora Gaditana* e *The Female Spectator* tiveram ambição de ser "madrinhas" da burguesia que então se afirmava, e que, não obstante as diferenças dos contextos político e social francês, inglês e espanhol, elas buscavam atender basicamente à mesma necessidade de aconselhamento e educação de sociedades em mudança. Assim como a imprensa iluminista na sua vertente *Spectator*, a pequena vertente "leitora" também viveu ativamente o surgimento do liberalismo e procurou dar alguma contribuição à classe em ascensão que buscava sua auto-imagem, a "auto-imagem burguesa", no dizer de Norbert Elias¹⁰⁴. No entanto, como já foi sugerido, o século XVIII não estava preparado, como um todo, para aceitar a idéia de leitoras privilegiadas que, para além de todo interesse e parcialidade, se devotavam à causa pública; enfim, aceitar a sugestão de que as "luzes" pudessem vir do "sexo frágil" era abusar do "jogo" de *Spectator* e desafiar em demasia as convenções não só literárias como sociais. No debate que se travou no Século das Luzes sobre o papel da mulher em sociedade, não há dúvida de que Rousseau e seu "partido" foram os vencedores e que ao longo dos séculos XVIII e XIX foi se impondo progressivamente, como modelo dominante, "a ideologia da feminilidade doméstica"¹⁰⁵. As vozes alternativas que resistiram à idéia de que qualquer ambição feminina de reconhecimento público é anti-natural e socialmente perniciosa não tiveram força para se impor. Neste sentido, é no mínimo divertido e curioso sabermos que na sua próxima incursão jornalística, a prolixa Eliza Haywood resolveu abdicar não só de seu sexo mas também da condição humana, e sob a forma de um animal de "alta visão"

¹⁰³ GILOT, Michel, SGARD, Jean. *Le Journalisme masqué*. In: RETAT, P. (ed.), *Le Journalisme d'Ancien Régime*. Lyon: Presses Univ. de Lyon, 1981, p. 285-313.

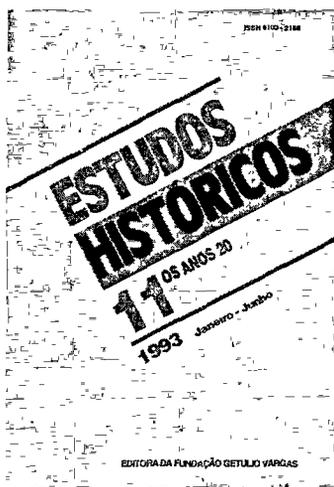
¹⁰⁴ ELIAS, Norbert. *The Civilizing Process - The History of Manners*. Londres: Blackwell, 1978 (original alemão: *Über den Prozess der Zivilisation*, 1939).

¹⁰⁵ SHEVELOW, Kathryn, op. cit., p. 193; sobre os termos e o resultado do debate sobre a mulher ver também: COLLEY, Linda. *Britons - Forging the Nation 1707-1837*. New Haven: Yale University Press, 1992, cap. 6 (Womanpower); BADINTER, Elisabeth (ed.), *Parole d'Hommes (1790-93)*. Paris: P.O.L., 1989.

¹⁰⁶ *The Parrot*, with a compendium of the times. By the Authors of the *Female Spectator*. Londres: T. Gardner, 1746. Nesse periódico, a antiga espectadora torna-se ousada e agressiva, criticando abertamente os "grandes" e os políticos da época.

pôs-se a criticar abertamente os costumes de seus compatriotas. Sal de cena a comportada *Female Spectator* e sobe ao palco o estouvado *The Parrot* (O Papagalo)!¹⁰⁶

ESTUDOS HISTÓRICOS



Revista semestral da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica (APDOC) lançada em 1988, *Estudos Históricos* analisa a história do Brasil sob uma perspectiva multidisciplinar, em artigos que cobrem os mais diversos campos do conhecimento, como História, Antropologia, Sociologia, Literatura, Filosofia e Política.

Próximo nº (12): Globalização

Assinaturas: Editora da FGV

Praia de Botafogo 190 - 6º andar - CEP 22253-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tels.: (021) 551-0698 e 551-1542 r. 107/110

Telex: (021) 36811 Fax: (021) 551-7801